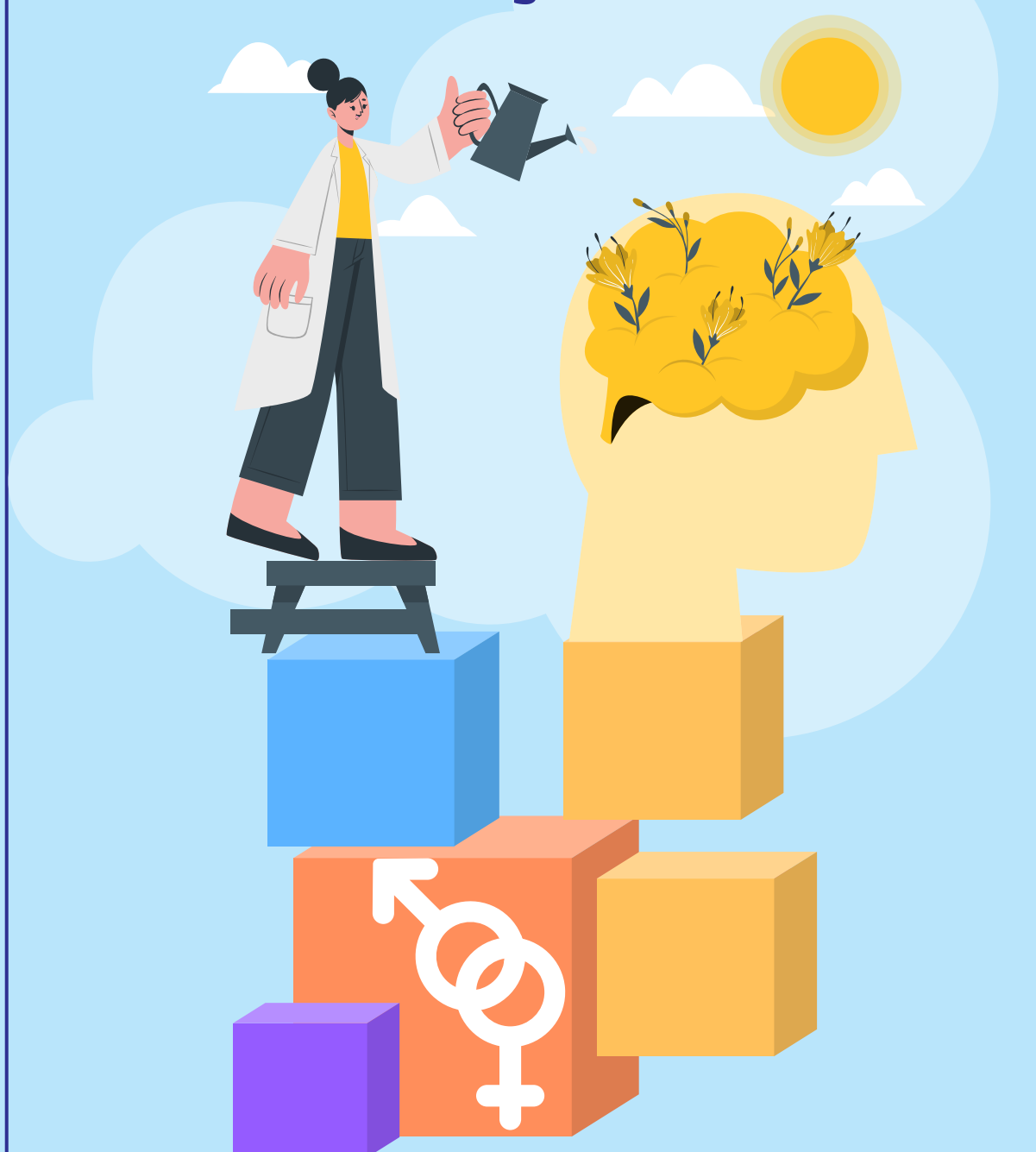


GUIA DO PROFESSOR^(a)

Trilhando o Caminho da Educação Sexual



FICHA TÉCNICA

2021, Universidade Federal do Acre.

Todos os direitos reservados. É permitido a reprodução parcial ou total desta obra, desde que sejam citadas as fontes e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. A responsabilidade pelos direitos autorais do texto e imagem desta obra é da área técnica. O guia do (a) professor (a) pode ser acessado, na íntegra, na página eletrônica do programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática: <http://www2.ufac.br/mpecim>.

1ª edição 2021

Guia do (a) professor (a):

Trilhando o caminho da Educação Sexual

Autora da proposta:

Maria da Conceição N. da Silva

Orientadora da proposta:

Prof.^a Dr.^a Francisca Estela Lima Freitas

Colaborador:

Prof. Dr. Milton dos Santos Freitas

Projeto Gráfico e Diagramação

Lindsay Gadelha do Amaral



APRESENTAÇÃO DO GUIA DO (A) PROFESSOR (A) TRILHANDO O CAMINHO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Apresentação do Guia do (a) Professor (a) Trilhando o caminho da Educação Sexual

A elaboração deste produto educacional é parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências e Matemática, do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Acre (MPECIM-UFAC).

O produto foi construído para contribuir para a prática docente, sendo um dos elementos de reforço no processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito a Educação Sexual.





Esta proposta é decorrente dos resultados da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada “A importância do ensino sobre sexualidade humana na formação docente”, desenvolvida entre estudantes do sétimo período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Acre”, sob a orientação da Professora Doutora Francisca Estela Lima Freitas.

Assim, o produto apresenta uma abordagem com textos e dinâmicas que deverão ser trabalhados por professores (as) com estudantes, a partir do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, visando auxiliar os professores (as) a desenvolver nos estudantes as habilidades socioemocionais, estabelecida como uma das aprendizagens essenciais definidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Por fim, esta proposta é uma sugestão que pode servir de inspiração para outras formas de trabalhar a Educação Sexual na escola. A partir das sugestões de textos e oficinas apresentada neste guia, há uma infinidade de textos e atividades que podem ser inseridas na temática da sexualidade. Contudo, o conhecimento não se exaure com atividade aqui proposta.

Bom trabalho!

Maria da Conceição N. da Silva

Autora da proposta

Prof.^a Dr.^a Francisca Estela Lima Freitas

Orientadora da proposta



SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	06
	OBJETIVOS	09
	OBJETIVO GERAL	09
	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	09
	DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES	10
	REMIX DE TEMAS SOBRE SEXUALIDADE	11
	HISTÓRIA, CONCEITOS E DIMENSÕES	11
	ATIVIDADES PRÁTICAS/OFFICINAS	18
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Educação Sexual tem início em nossas vidas desde o nascimento, quando os pais atribuem, através o sexo do bebê, a cor do enxoval, os tipos de brinquedos e o seu comportamento diferenciado em relação à criança do sexo masculino e à do sexo feminino. Assim, a Educação Sexual se constitui de modo informal e de modo formal.

Para Figueiró (2013), a Educação Sexual informal se dá por meio da influência social, pois somos influenciados por ações não planejadas como atitudes, falas, olhares, gestos e silêncios. Já a Educação Sexual formal consiste no ensino intencional sobre sexualidade feito na escola, na igreja, nas unidades de saúde e até em casa, quando os pais pegam um livro sobre sexualidade e leem com as crianças, (FIGUEIRÓ, 2013).

Contudo, antes de irmos buscar por Educação Sexual, é interessante conhecer o seu conceito: Educação Sexual não se





restringe só ao ensino formal da biologia e fisiologia humana. É conversar com a criança ou adolescente sobre preconceitos, tabus, vergonhas e medos. Para Freire (2011), a educação deve ser reflexiva e libertadora.

A Educação Sexual é aquele espaço onde os adultos conversam com as crianças ou adolescentes sobre sexualidade. É a oportunidade que a pessoa tem de se desfazer de ideias errôneas e feias sobre o corpo, sexo e a vida sexual. Na escola os (as) professores (as) devem ensinar a pensar, ouvir, e deixar os estudantes expressar sentimentos, debater, dar suas opiniões e respeitar opiniões diferentes (FIGUEIRÓ, 2014).

A falta do ensino sobre sexualidade no currículo escolar tem sido um importante fator no surgimento de problemas sociais. Braga (2018) aponta a desigualdade de gênero, o alto índice de HIV/AIDS, as infecções sexualmente transmissíveis, os altos índices de gravidez não planejada entre adolescentes e suas consequências, como parte desses problemas.

Nesse ensejo, na década de 90, ações do governo incluíram a temática da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais, inserindo-a como tema transversal em toda educação básica. Para Figueiró (2014, p44) “A inserção da Educação Sexual nos PCN’s implica, com urgência, a necessidade de estudos, reflexões, debates e pesquisas, sobretudo a respeito da formação do educador”.

A articulação entre professores (as) e alunos (as) apresentam uma importante demanda na Educação Sexual. Desta forma, este produto educacional pretende constituir um espaço de ensino, aprendizagem e trocas de experiências e construção coletiva de conhecimento sobre a sexualidade humana.





O guia propõe, para acrescentar o conhecimento do (a) professor (a), uma introdução teórica. Pois tudo que queremos fazer tem que ter uma teoria necessariamente que o ilumine (FREIRE, 2011). Na sequência, se propõe as atividades práticas com uso de oficinas abordando as dimensões da sexualidade. Para Paviani e Fontana (2009), a utilização de oficina oportuniza vivenciar situações concretas e significativa, baseadas no sentir, pensar e agir, inserido no objetivo pedagógico.

O guia proposto busca fugir do ensino com abordagem higienista, sexista e ideológico. Busca a inovação com aulas dialógicas e reflexivas, incidindo sobre os estudantes (FREIRE, 2011). O guia traz um modelo de aprendizagem cujas características principais são a problematização da realidade e a prevenção de problemas relacionado à sexualidade humana. Desse modo, almeja-se que esta proposta de atividade seja um instrumento que facilite a compreensão da sexualidade nas dimensões biológica psicológica e social.



OBJETIVOS

Na busca de utilizar a Educação Sexual formal para auxiliar o (a) professor (a) a desenvolver nos estudantes as habilidades socioemocionais, conforme definidas na Base Nacional Comum Curricular. Apresenta-se a seguir o objetivo geral e os específicos.

Objetivo Geral

Ampliar as concepções em relação à Sexualidade e à Educação Sexual na Escola.

Objetivos específicos

- ♂️ Conhecer os aspectos históricos, conceitos e dimensões da sexualidade,
- ♂️ Praticar, por meios de oficinas pedagógicas, e refletir sobre temas relevantes da sexualidade humana.



DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

O desenvolvimento das atividades propostas ocorre em momentos distintos, oportuno ao professor (a). Está dividido em duas etapas, sendo a primeira com atividade de leitura do (a) professor (a), leitura prazerosa, sobre o contexto histórico, conceitos e as dimensões da sexualidade. Sugerimos que o (a) professor (a) socialize os conteúdos dessas leituras com a turma.

Na segunda etapa, as dimensões da sexualidade são trabalhadas na prática, no ambiente escolar, com aplicação de oficinas que possibilitam a ampliação do conhecimento sobre sexualidade nas dimensões biológica, psicológica e social.

No entanto, vale ressaltar que este trabalho se trata de uma proposta que pode ser adaptável e multiplicável por educadores (as) de qualquer disciplina.



REMIX DE TEMAS SOBRE SEXUALIDADE

SEXUALIDADE: aspectos históricos, conceitos e dimensões

Ao analisar a sexualidade ao longo da História, Foucault (2018) localizou no Período Paleolítico (10.000AC) a existência de um poder matriarcal, no qual surgiram a ideia de família e também o primeiro tabu da humanidade, o incesto. Já durante o Neolítico (9.000 AC) houve a mudança de regime, com a instalação do poder patriarcal, momento em que aparecem as primeiras formas de religião. A partir do Idade Média, no Século XII, a mulher começou a perder espaço, sob a influência da visão Aristotélica adotada pela Igreja e pelas doutrinas de São Paulo, Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino. Sob essas influências passaram a vigorar uma série exigências relativas às práticas sexuais, como o sexo somente heterossexual, no casamento, com finalidade reprodutiva, com os dias das relações sexuais previamente marcados e sem demonstração de paixão entre os cônjuges. Nasceram os pecados contra o corpo: a prostituição, o adultério, a homossexualidade, o autoerotismo. A culpa é instalada no imaginário popular, assim como o medo do Inferno. Mesmo assim, as práticas sexuais continuaram fazendo parte do cotidiano da população.





Durante a Idade Moderna surgiu o Puritanismo, de orientação Calvinista, onde se buscou o predomínio do autocontrole, da constância, da firmeza do sentimento e menos emoção, visando, dessa forma, modificar o comportamento desregrado e oscilante, numa tentativa de integrar sensualidade e espiritualidade, com predomínio do caráter ascético. Não havia espaço para a sensualidade e o prazer sexual. O que se observava era uma desvalorização do corpo e da sensibilidade para alcançar a plenitude moral. Assim, o sexo também seria desprovido de prazer (FOUCAULT, 2018).

Na Idade Contemporânea, época do reinado da Rainha Vitória, na Inglaterra do Século XVII, o comportamento sexual da sociedade ocorria de forma espontânea e as práticas sexuais eram libertinas, até que uma nova ética sexual surgiu, penetrando lentamente os ideais do cristianismo de virgindade, castidade, austeridade e importância do vínculo matrimonial. De acordo com Garton, (2009), o Período Vitoriano ocupou um lugar central na cultura popular como período de austeridade, repressão e rigidez sexual excessiva. Para o historiador, a sexualidade vitoriana foi referência como período de moralismo puritano, uma reação contra a libertinagem aristocrática que favorecia o desenvolvimento de um submundo sexual. Esse Período, que se estendeu de junho de 1837 a janeiro de 1901, mesmo diante de um desenvolvimento econômico acelerado, se caracterizou, segundo Foucault (2018), por uma forte submissão feminina, a ocorrência de elevadas taxas de natalidade e de matrimônios precoces, com rigidez de costumes e a prática de um moralismo social e sexual que envolvia disciplina, preconceito e fortes proibições. Nesse cenário, a sexualidade dos indivíduos era muda, contida, hipócrita.

Ainda segundo Foucault (2018), a proliferação dos discursos oriundos da escola, da Igreja, da família e dos consultórios não visava a proibição ou a redução da prática sexual, mas sim o





controle do indivíduo e da população. Discursos não visando abordar o sexo como uma coisa a ser tolerada, mas a ser gerida e inserida para o bem de todos; fazê-lo funcionar. “O sexo não se julga apenas, mas administra-se”. Regula-se o sexo, mas não pela proibição e sim por meio de discursos úteis, visando fortalecer e aumentar a potência do Estado como um todo. Diante desse contexto Foucault (2018) elaborou a Hipótese Repressiva – a negação da repressão – onde “a afirmação de uma sexualidade reprimida é acompanhada de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo”.

Para Foucault (2018), a hipótese repressiva foi um ponto de partida crítico para investigação da explosão sexual do século XIX. Nesse discurso ele considera a sexualidade o domínio principal para descoberta do Eu nas civilizações ocidentais. Ao contrário de reprimirem o sexo, os vitorianos inventaram a sexualidade.

Foi então, a partir do início do Século XIX, que a sexualidade começou a ser argumentada cientificamente por profissionais da medicina, quando esta passou a estudar o sexo segundo o modelo utilizado pela Igreja: o confessorário. Surgiu então a Scientia Sexualis (Ciência Sexual), definida como o corpo de conhecimento construído por dados coletados pelos médicos da época. Os dados obtidos eram relatados por pacientes por meio de entrevistas, cartas, autobiografia sobre pensamentos, crimes, sonhos, infância e sexo (FOUCAULT, 2018).

Portanto, a higiene (medicalização), assim como a Igreja, continuou a reprimir o prazer gratuito e sem compromisso com a procriação, pois para a Igreja a procriação era um dever para com Deus, enquanto a higiene era um dever para com o Estado. Tais premissas tinham como objetivo fazer com que a mulher não cometesse adultério e nem o onanismo e limitasse o homem somente à prática heterossexual e no casamento, no intuito de, assim, combater a prostituição. Desse modo, os principais objetivos





da medicalização do sexo eram a garantia da solidez da família e a proteção da prole, o que obrigava a necessidade de vincular o sexo ao amor para conseguirem impor as normas higiênicas relacionadas ao sexo (FIGUEIRÓ, 2009).

Neste contexto, as práticas sexuais que antes eram vistas como pecado pela Igreja passaram também a ser encaradas como doença, segundo a medicalização do sexo. Essa prática médica, com política higienista e biológica, passou a exercer um controle sobre a vida social e sexual das pessoas, propondo-se a assegurar o vigor físico e a pureza moral do indivíduo.

A sexualidade humana se constitui num fenômeno complexo que, para Furlani (2011) está composta por diversos aspectos, físicos, sociais e psicológicos e compreende, além do corpo, os costumes, as histórias, a religião e a cultura de uma sociedade. Sendo assim, a sexualidade consiste em uma dimensão humana e, portanto, estará presente em todas as fases da vida, demonstrando mecanismos próprios de manifestação, significação e vivência pessoal. Bonfim (2012), por sua vez, a considera um dos aspectos centrais da vida, que envolve papéis e orientação sexual, erotismo, sexo, prazer, além de comprometimento emocional, amor e reprodução.

Foucault (2018), alertou para o fato de que a sexualidade não se apresenta como um impulso rebelde, de natureza estranha e indócil, mas sim, um lugar de passagem pelas relações de poder entre as pessoas, homens e mulheres, jovens e idosos, pais e filhos, educadores e alunos, padres e leigos e entre administração e população. Nessas relações de poder a sexualidade não representa o elemento mais rígido, porém um dos dotados de maior instrumentalidade. Nesse sentido, a sexualidade pode ser apresentada como um dispositivo histórico, ou seja, pode ser considerada como uma criação social, pois se constitui a partir de vários discursos sobre o sexo, discursos esses que regulam,





normatizam, estabelecem saberes e produzem verdades. Para a Organização Mundial da Saúde, a sexualidade é:

[...] parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é energia que motiva encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma das pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um humano fundamental, saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico (EGYPTO, 2012. p. 15).

Para Costa (2005, p. 7) “a sexualidade se refere ao conjunto de fenômenos da vida sexual, sendo o aspecto central de nossa personalidade. É por meio dela que nos relacionamos com os outros, amamos, obtemos prazer e nos reproduzimos. No entanto, a sexualidade não se restringe exclusivamente à vida sexual, mas sim a uma visão mais ampla do ser humano, que envolve seus aspectos biológico, psicológico e social”.

Atualmente, vivemos a era da informação, da tecnologia. O acesso à informação é fácil e rápido, embora nem sempre seguro, e a sexualidade ainda é vista por muitos como um tabu, associada somente ao ato sexual. É necessário entendermos o que é a sexualidade. Foucault (2018, p.101), definiu a sexualidade como:





[...] o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

O autor nos chama para um olhar diferenciado para sexualidade, pautado numa visão de que a sexualidade é um fenômeno histórico-cultural e político, e não médico/higienista/biologista como antes. Nesse contexto, Figueiró (2009 p.189) aponta a diferenciação entre e sexo e sexualidade: “a sexualidade é elemento integrante de nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, o respeito, a alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas à prática sexual. O sexo, por sua vez, diz respeito ao ato sexual em si”.

Por fim, diante do texto foi possível conhecer os aspectos históricos da sexualidade; bem como seus conceitos, é possível agora diferenciar sexualidade de sexo e entender que a sexualidade é bem mais ampla e profunda que o sexo. As dinâmicas asseguir tem o propósito de fornecer um entendimento amplo sobre o conceito de sexualidade baseado nas dimensões biológica, psicológica e social.





CONTINUE TRILHANDO...!


● **FASES DO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE:**
Com Profa Dra Claudia Bonfim.

● **Acesse em:**

<http://educacaoesexualidadeprofclaudiabonfim.blogspot.com/2010/10/complexo-de-edipo-fases-do.html>. 

● **SEXUALIDADE HUMANA NA ESCOLA:**
Com Profa Dra Jimena Furlani.

● **Acesse em:**

https://www.youtube.com/watch?v=OpEZXYpA818&list=RDCMUCsodca-oPF7dwB6r0N2wNGw&start_radio=1. 

● **GÊNERO E SEXUALIDADE:**
Com Profa Dra Guacira Lopes Louro.

● **Acesse em:**

<https://www.youtube.com/watch?v=CLICgvnu72I>. 



Aponte o leitor de QR code do seu celular





ATIVIDADES PRÁTICAS/OFICINAS



Oficina 01

TEMA: Conceituando a sexualidade utilizando a matemática.

Objetivos:

Formular o conceito de sexualidade a partir do conhecimento da turma; ampliar o entendimento sobre sexualidade, relacionando com a matemática.

Materiais:

Várias folhas de papel A4 cortada ao meio, canetas coloridas, fitas adesivas e um cartaz com os símbolos de matemática ($>$, $<$, C , $+$, $=$, \mp , \times , \div , \neq etc).

Desenvolvimento:

- 1 Distribuir as folhas de papel a cada estudante;
- 2 Pedir que cada pessoa escreva uma ou mais palavras que, no seu entendimento, tem relação com a sexualidade.
- 3 Dividir a turma em grupo de três ou quatro participantes.
- 4 Cada grupo deverá construir um texto sobre sexualidade, utilizando as palavras escritas e os símbolos matemáticos. (Por exemplo: "A $>$ causa de ocorrência gravidez não planejada é o fato das pessoas não usarem camisinha"; " Um namoro que C respeite é $+$ fácil dar certo. ").
- 5 Socialização das frases.

Recomendação:

O (a) docente finaliza frisando que a sexualidade é a energia que move a vida e, por isso ela está relacionada a todos os aspectos do ser human, inclusive aos conteúdos escolares.

Tempo: 45 minutos

Fonte: (Oficina adaptada, MAGALHÃES, 2011)



Oficina 02



SEXUALIDADE: Dimensão Biológica - se refere ao corpo físico que temos, que sente, que vê e é visto.

Tema: Tabelando as infecções sexualmente transmissíveis.

Objetivos:

Informar sobre a transmissão, formas de prevenção e tratamento, de forma participativa.

Materiais:






1 cartolina dividida em cinco colunas. Na 1ª coluna escreve-se o nome das doenças; na 2ª os sintomas; na 3ª as formas de transmissão, na 4ª as consequências e na 5ª as formas de prevenção; tirinhas de papel A4 com os nomes de cada doença, sintomas, modo de transmissão, tratamento e prevenção de cada doença e fita adesiva.

Desenvolvimento:

- 1 Preguar a cartolina, com fita, no canto esquerdo do quadro, parte alta.
- 2 Entregar a cada participante as tirinhas de papel com os nomes das doenças, sintomas, transmissão, consequências e prevenção;
- 3 Cada pessoa deve colocar o nome das doenças abaixo da palavra doença;
- 4 Cada pessoa deve ler o sintoma que recebeu e, junto com a turma, deverá chegar a uma conclusão: a que doença se refere este sintoma. Quando a turma chegar a conclusão do primeiro sintoma, esta pessoa vai ao quadro e coloca sua tirinha na coluna "sintomas" e ao lado da doença a que se refere. Seguir assim até o último sintoma.
- 5 Cada pessoa deve ler o modo de transmissão e prosseguir conforme o item acima.
- 6 Preguar no quadro, ao lado da expressão "formas de transmissão", a palavra "consequências"
- 7 Cada pessoa deve ler o modo de prevenção e prosseguir conforme o item 5.



» Perguntas para o debate:

-  Foi difícil fazer a classificação?
-  O que são sintomas?
-  Existem sintomas que estão relacionados a mais de uma doença?
-  Como podemos saber qual doença temos a partir dos sintomas?
-  De quem é a responsabilidade de evitar a transmissão de cada doença?

» Desenvolvimento:

Todas as informações sobre doenças podem ser adquiridas no site do Ministério da Saúde.

» Tempo:

60 minutos

Fonte: (Oficina adaptada, MAGALHÃES, 2011)



Oficina 03



SEXUALIDADE: Dimensão Psicológica - abordagem referente à nossa mente, ao psiquismo, às nossas emoções mais primárias, aos afetos, sentimentos, às fantasias, emoções, o contato consigo mesmo e aos sonhos.

Tema: Esse é o meu nome, é assim que eu sou!

»» Objetivos:






Fortalecer a autoestima; trabalhar a identidade; proporcionar um momento de afetividade; estimular laços afetivos, entre os membros da turma; incentivar a observação das qualidades dos (as) colegas de turma; desenvolver o vocabulário.

»» Desenvolvimento:

- 1 Entregar para cada participante uma folha de papel.
- 2 Solicitar que cada participante escreva seu nome, ou como gosta de ser chamado (a), de forma bem caprichada, na parte superior da folha - cabeçalho.
- 3 O educador (a) solicita que cada participante passe a folha para sua direita.
- 4 Cada participante deve escrever duas qualidades referentes à pessoa cujo nome está escrito no papel. Frisar palavras que indiquem qualidade e não para os defeitos ou coisas ruins.
- 5 Todos os participantes devem escrever em todos os papéis até que cada participante receba de volta sua própria folha.
- 6 Dar um tempo para que leiam os escritos.



» Perguntas para o debate:

-  O que acharam da atividade?
-  Como estão se sentindo?
-  Concordam com as qualidades escritas?
-  O que chamou sua atenção? Por quê?
-  Por que as vezes as pessoas veem na gente algo que a gente não vê?

» Recomendação:

O (a) docente finaliza frisando a importância do autoconhecimento, que todos nós temos muitas qualidades e também defeito, mas que sempre temos a oportunidade de melhorara.

» Tempo:

20 minutos

Fonte: (Oficina adaptada, MAGALHÃES, 2011)



Oficina 04



SEXUALIDADE: Dimensão Social - é o mundo que nos rodeia, inclui religiosidade, família, raça/etnia, discriminação, preconceito, valores, normas e regras sociais.

Tema: Preconceito e discriminação.

Objetivos:

Identificar as diferenças que se tornam desigualdade por causa de característica físicas e/ou culturais.

Desenvolvimento:

“Quebra gelo”: solte a música e peça para os participantes se movimentarem de acordo com o ritmo da música. Avise que irá solicitar alguns comandos:

- 1 Formar uma dupla com alguém.
- 2 Colocar a mão no joelho esquerdo do outro.
- 3 Encostar o pé direito no pé do outro.
- 4 Encostar o cotovelo.
- 5 Desfazer a dupla e formar fila, com um de frente para o outro.

Atividade:

- 1 Informe que o nome da atividade é: coisas e pessoas. Escolha aleatoriamente um grupo para ser “coisas” e o outro ser “pessoas”.
- 2 Ler as regras para cada grupo:



Coisas: As coisas não podem pensar, não sentem, não podem tomar decisões, não tem sexualidade, tem que fazer o que as pessoas lhes ordenem; para fazer algo tem que pedir permissão às pessoas.



Pessoas: As pessoas pensam, podem tomar decisões, tem sexualidade, sentem e podem pagar as coisas que quiserem.

3

Peça para o grupo das “pessoas” pegar as “coisas” e fazer com elas o que quiser, qualquer atividade.

4

A “coisa” tem 5 minutos para atender o comando das “pessoas”, dentro do espaço da sala de aula ou no pátio da escola.

5

Solicite aos participantes que regressem aos seus lugares. E explore a atividade a partir das seguintes questões:



Como é se sentir como coisa?



Como é se sentir como pessoa?

6

Por fim, apresente os conceitos de preconceito e discriminação, escrito nas fichas:



Preconceito - predisposições negativas a respeito de uma pessoa ou um grupo de pessoas com base em característica físicas e/ou culturais.



Discriminação - conduta (ação ou omissão) que viola o direito das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como raça, sexo, idade, opção religiosa etc.

»» **Recomendação:**

O (a) docente deve conduzir a oficina garantindo que todos os participantes tenham direito à fala, permitindo a exposição, a confrontação e o debate de ideias, estimulando o respeito e as diferenças de opiniões, evitando o desrespeito e o julgamento.

»» **Tempo:**

2 horas

Fonte: (Oficina adaptada. MATAR, 2008).



Oficina 05



Esta oficina possibilita visualizar a sexualidade nas dimensões biológica, psicológica e social.

Tema: Estou grávida, e agora...?

Objetivos:

Vivenciar a situação de uma gravidez na adolescência/não planejada;
Promover o debate sobre as responsabilidades de ser mãe e pai.






Desenvolvimento:

- 1 Higienizar o pirulito e o balão com álcool em gel.
- 2 Entregue o pirulito a um menino e o balão a uma menina.
- 3 Solte a música e peça para os participantes se movimentarem de acordo com o ritmo da música; oriente para que o pirulito seja repassado na turma, mas só entre os meninos e o balão repassado só entre as meninas.
- 4 Após 2 minutos interrompa a música.
- 5 Peça para os participantes formarem um círculo no centro da sala.
- 6 Chame a participante que estiver com o balão e o participante que estiver com o pirulito para o centro do círculo.
- 7 Insira o balão sob a blusa da participante, simulando uma barriga de gravidez, explicando que a partir daquele momento ambos vão representar um casal de adolescentes, “Nazaré”, com 14 anos e “Joãozinho, com 17” e que os dois estão grávidos.







8

Os demais participantes são escolhidos para representar os melhores amigos, os pais e os vizinhos de Nazaré e de Joãozinho.

Observação: por se tratar de uma encenação que retrata situações da realidade, o desfecho dessa história é imprevisível, podendo ocasionar os seguintes questionamentos:

-  Nazaré ficou feliz ou triste com a gravidez? Para quem ela vai contar de sua gravidez? Para sua melhor amiga ou para sua mãe?
-  E Joãozinho, o que vai fazer?
-  Quais atitudes dos pais de Nazaré? E dos pais de Joãozinho?
-  E os melhores amigos, o que dizem?
-  O que os vizinhos dizem sobre a gravidez de Nazaré e Joãozinho? Após a encenação, a turma senta, formando um círculo.

» Perguntas para o debate:

-  O que é ser pai?
-  O que é ser mãe?
-  Toda gravidez que acontece na adolescência é indesejável?
-  O que muda na vida de uma adolescente que tem um (a) filho (a)?
-  O que muda na vida de um menino adolescente que tem um (a) filho (a)?
-  De quem é a responsabilidade na hora de cuidar de um filho (a)?

»» **Recomendação:**

O (a) docente finalizará frisando que percebemos a dimensão biológica da sexualidade porque a gravidez ocorre no corpo da mulher, notamos a dimensão psicológica no estado de alegria ou tristeza ao saber que estar grávida. Por fim a dimensão social que foi representada pelos vizinhos e amigos dos grávidos.

»» **Tempo:**

2 horas

Fonte: (Oficina adaptada. MATAR, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um produto educacional sobre sexualidade sempre proporciona expectativa, a começar pelo título, acentuando a palavra “sexo” ou “sexualidade”, podendo nos tomar por uma grande curiosidade, pois somos tocados e desafiados a querer saber mais. Como Foucault (2018) define no subtítulo da sua obra História da sexualidade: “a vontade de saber”. É essa vontade de saber que nos impulsiona a busca pelo conhecimento (BONFIM, 2012).

Nesse sentido, finalizamos acreditando que esta proposta possa contribuir na troca de experiências entre professores (as) e alunos (as) e na formação constante dos docentes, considerando ser a temática da sexualidade tão desafiadora para muitos educadores (as) entretanto de muita importância, tanto para os (as) alunos (as) quanto para toda a sociedade que se beneficia dos resultados do ensino-aprendizagem sobre educação sexual.





REFERÊNCIAS

BONFIM, Claudia. **Desnudando a Educação Sexual**. Campinas – SP: Papyrus. 2012, 144p.

BRAGA, Mariana. Direito a Educação em Sexualidade e Relações de Gênero no Brasil: Parâmetros legais para atuação nas escolas. In: V CONGRESSO **BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO SEXUAL**, Londrina, 1 a 3 de novembro de 2018.

COSTA, Ronaldo Paloma de. **Os onze sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. 4^o ed. São Paulo: editora Kondo, 2005.

EGYPTO, Antônio, Carlos. (Org.). **Orientação sexual na Escola**: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Trad. Lilian L, M. 2^a ed. rev., e atual. São Paulo: Paz e terra, 111p.

FIGUEIRÓ, Mary, Neide, Damico. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. 2 ed. Londrina: Eduel, 2014, 400p.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. 7ed. Rio de Janeiro: Graal, 2018.

GARTON, Stephen. **História da Sexualidade**: da antiguidade à revolução sexual. Trad.: Mário J. Felix. Lisboa: Estampa. 2009. 382p.

MATTAR, Laura Davis (coord.). **Direito à saúde da mulher negra**: manual de referência. São Paulo: Conectas Direitos Humanos, 2008.

MAGALHÃES, Cristianne. Dinâmicas de grupo sobre sexualidade: atividades para trabalhar com adolescentes. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2011, 236p.

PAVIANI, N.M.S.; Fontana, N. M^a. **Oficinas pedagógicas**: relato de uma experiência. Conjectura, Caxias do Sul, v.14, n. 2, p.77-88, maio/ago. 2009. Disponível em:<http://www.ucs.br/etc/revista/index.php/conjectura/article/viewFile/16/15>. Acesso em: 28 abr.2021.

Ufac 